

DO DESABRIGO AO ACONCHEGO: O USO DOS OBJETOS TRANSICIONAIS NA CLÍNICA DAS ADICÇÕES

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.058-007>

Luiz Eduardo Nascimento de Souza

Graduação em Psicologia

Centro Universitário Frassinetti do Recife - UniFAFIRE

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5660487347189376>

Mariana Bentzen Aguiar

Doutora em Psicologia Cognitiva

Professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: Mariana.bentzen@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1402-9907>

RESUMO

O estudo analisa a função psíquica assumida pelo objeto-droga na experiência subjetiva, a partir da teoria dos objetos e fenômenos transicionais de Donald W. Winnicott, investigando suas possíveis articulações com a clínica das adicções. Trata-se de uma pesquisa teórica, de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. A investigação reuniu e analisou vinte e três produções, entre obras de Winnicott, artigos científicos, capítulos de livros e materiais acadêmicos selecionados a partir dos descritores adicção, objeto adicto, transicionalidade, Winnicott, toxicomania, drogadição e brincar. Os resultados indicam que, em determinadas configurações clínicas, a relação com o objeto-droga pode operar como tentativa de enfrentar experiências de desamparo, falhas ambientais precoces e dificuldades nos processos de amadurecimento emocional. Identificou-se que o investimento no objeto adicto pode assumir funções de acolhimento, ilusão, continuidade de ser e sustentação psíquica, ainda que de modo precário, repetitivo e potencialmente destrutivo. Conclui-se que a aproximação entre a clínica das adicções e a teoria winnicottiana dos fenômenos transicionais contribui para uma compreensão menos moralizante e reducionista do fenômeno adictivo, favorecendo uma escuta clínica atenta à singularidade do sujeito e às funções subjetivas atribuídas ao objeto-droga.

Palavras-chave: Aconchego; Objeto; Adicto; Transicional; Self.

1 INTRODUÇÃO

A clínica das adicções convoca uma escuta que ultrapasse explicações centradas exclusivamente na substância, na moralização do consumo ou na classificação diagnóstica da dependência. O termo adicção

deriva do latim *addictio*, associado à ideia de submissão a um senhor ou credor. Na Roma Antiga, a condição de *addictus* podia designar a sujeição de uma pessoa em decorrência de dívidas. A partir dessa origem, Gurfinkel (2007) propõe pensar a relação com o objeto adicto como uma modalidade de vínculo marcada pela servidão, na qual o sujeito parece permanecer ligado ao objeto em uma espécie de dívida afetiva.

No campo psicanalítico, as adicções podem ser compreendidas não apenas pelos efeitos farmacológicos das substâncias, mas também pelas funções psíquicas que o objeto-droga pode assumir para o sujeito. Schimith, Murta e Queiroz (2019), ao retomarem Lima (2008), indicam que a droga pode ser investida como extensão da realidade subjetiva e como recurso para sustentar formas de expressão, prazer ou representação de si. Nessa perspectiva, o objeto-droga pode ser vivido como fonte de alívio e acolhimento diante de angústias que não encontram outros meios de elaboração. Tal dinâmica pode remeter a uma relação de dependência afetiva, na qual a substância é investida como se exercesse uma função de cuidado, ainda que seus efeitos possam ser destrutivos.

Este estudo toma como referência as noções de toxicomania e drogadição, entendidas como formas de relação problemática e intensamente investida com substâncias psicoativas. Não se pretende, contudo, estabelecer uma oposição rígida entre esses termos, pois seus usos variam entre os campos clínico, psiquiátrico, jurídico e psicanalítico. Santiago (2017) assinala que a toxicomania não pode ser reduzida a uma categoria fixa ou exclusivamente médica, uma vez que envolve modos particulares de relação do sujeito com o gozo, o sofrimento e o objeto. Schimith, Murta e Queiroz (2019) também ressaltam o caráter multifatorial do fenômeno, cuja gravidade depende da articulação entre condições subjetivas, sociais e contextuais. Para os fins desta pesquisa, toxicomania e drogadição serão abordadas como expressões de vínculos adictivos nos quais a droga pode assumir funções subjetivas específicas.

Doravante, será adotada a expressão objeto adicto ou objeto-droga como operador conceitual para designar o lugar ocupado pela substância na economia psíquica do sujeito. Essa escolha inspira-se nas formulações de Gurfinkel (2007), especialmente em sua proposta de deslocar a compreensão das adicções para o campo das relações objetais e dos fenômenos transicionais. Em vez de conceber a droga apenas como objeto externo de consumo, essa perspectiva permite investigar as funções de acolhimento, defesa, ilusão e sustentação que podem ser atribuídas ao objeto adicto em determinados casos clínicos.

A delimitação do problema de pesquisa decorre, portanto, da necessidade de investigar de que maneira o objeto-droga pode ser compreendido, na clínica das adicções, a partir da teoria winnicottiana dos objetos e fenômenos transicionais. Parte-se da hipótese de que, em algumas configurações clínicas, a relação com a droga pode operar como tentativa de sustentação psíquica diante de falhas precoces no ambiente de cuidado, de dificuldades nos processos de amadurecimento emocional e de fragilidades na constituição do self. A questão que orienta o estudo é: como a teoria dos objetos e dos fenômenos

transicionais de Winnicott pode contribuir para a compreensão da função assumida pelo objeto-droga na clínica das adicções?

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar a função psíquica assumida pelo objeto-droga na experiência subjetiva, a partir da teoria dos objetos e fenômenos transicionais de Donald W. Winnicott, investigando suas possíveis articulações com a clínica das adicções. Especificamente, busca-se discutir as contribuições da teoria winnicottiana do amadurecimento emocional para a compreensão das adicções; examinar as relações entre falhas ambientais precoces, processos de constituição do self e modalidades de dependência psíquica; e analisar de que modo o objeto-droga pode ser investido como tentativa de obtenção de holding, continuidade de ser e sustentação psíquica em contextos clínicos marcados por experiências de desamparo e fragilidade ambiental.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de contribuir para uma abordagem clínica mais complexa e menos reducionista das adicções. Embora a produção sobre toxicomania seja ampla, Santiago (2017) destaca a importância de interrogar os modos pelos quais o sujeito se vincula à droga, evitando leituras exclusivamente moralizantes, medicalizantes ou criminalizantes. A aproximação entre a clínica das adicções e a teoria winnicottiana permite privilegiar a história singular de cuidado, as experiências de desamparo e os modos particulares de organização do sofrimento psíquico. Nessa direção, as contribuições de Kupermann, Paulo e Freudiana (2008), bem como de Céfaló e Santos (2018), favorecem a problematização das funções afetivas e defensivas que podem ser assumidas pelo objeto adicto.

A breve revisão teórica parte das contribuições de Gurfinkel (2007), que aproxima as adicções das relações objetais e das problemáticas da transicionalidade. Essa formulação dialoga com a obra de Winnicott (1975; 1983), especialmente com suas elaborações sobre dependência, ambiente suficientemente bom, holding, constituição do self, falso self, brincar e fenômenos transicionais. Para Winnicott (1983), o amadurecimento emocional depende inicialmente de um ambiente capaz de adaptar-se às necessidades do bebê, favorecendo experiências de continuidade de ser. Quando as falhas ambientais são intensas ou precoces, o sujeito pode recorrer a soluções defensivas para preservar algum grau de integração psíquica.

No campo dos fenômenos objetais, Winnicott (1975) situa o objeto transicional e os fenômenos transicionais em uma área intermediária de experiência, entre a realidade subjetiva e a realidade compartilhada. Esses fenômenos participam do processo pelo qual a criança se desloca da dependência absoluta para a dependência relativa e, progressivamente, para formas de independência relativa. A experiência profissional de Winnicott com crianças separadas de seus lares durante a Segunda Guerra Mundial contribuiu para o desenvolvimento de suas reflexões sobre privação, tendência antissocial e a importância do ambiente, conforme discutem Migliorini e Freitas (2018).

A hipótese desta pesquisa não consiste em equiparar diretamente a droga ao objeto transicional. Busca-se investigar se, em determinadas configurações clínicas, o objeto-droga pode ser investido como uma tentativa precária de constituir uma área de acolhimento, ilusão e continuidade. Tal aproximação permite compreender a adicção como uma solução subjetiva que, embora possa produzir sofrimento e destrutividade, pode também expressar uma tentativa de sobrevivência psíquica. Assim, o estudo propõe uma escuta clínica que não suponha a simples substituição do objeto-droga pela figura do psicoterapeuta, mas que considere a construção de um espaço de cuidado suficientemente bom, capaz de acolher a singularidade da relação do sujeito com o objeto adicto.

2 O BRINCAR, A TRANSICIONALIDADE E A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO POTENCIAL NA TEORIA WINNICOTTIANA

A noção de objeto transicional é introduzida a partir das observações clínicas de Donald Woods Winnicott durante o atendimento a crianças no contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o autor identifica que muitas crianças mantinham consigo objetos investidos afetivamente, como brinquedos, roupas ou cartas, os quais desempenhavam função significativa no manejo da separação materna e na continuidade da experiência emocional (Migliorini e Freitas, 2018).

A partir dessas observações, Winnicott (1975) formula o conceito de espaço potencial, definido como uma área intermediária de experiência entre a realidade interna e a realidade externa. Trata-se de um campo no qual se localizam o brincar, a criatividade e os fenômenos transicionais, constituindo uma zona fundamental para a constituição subjetiva.

O brincar, nesse contexto, não se reduz a uma atividade recreativa, mas representa uma experiência estruturante do desenvolvimento emocional. Ele permite ao sujeito transitar entre o controle onipotente inicial e o reconhecimento progressivo da externalidade do objeto. Nesse movimento, o objeto inicialmente é vivido como extensão do self e, gradualmente, passa a ser reconhecido como independente e externo (Winnicott, 1953/1975).

Esse processo está diretamente relacionado à função materna de adaptação às necessidades do bebê. Winnicott (1975) descreve que, no início da vida, a mãe suficientemente boa oferece uma adaptação quase completa, possibilitando ao bebê a experiência de ilusão de onipotência. Posteriormente, essa adaptação é gradualmente reduzida, permitindo a introdução da desilusão de forma tolerável e a emergência da capacidade de reconhecer a alteridade do objeto.

Nesse contexto, a elaboração imaginativa das funções corporais constitui um dos processos fundamentais da constituição do psiquismo. Segundo Fulgencio e Campos (2022), trata-se da forma pela qual o bebê organiza sensações corporais e experiências afetivas, atribuindo-lhes sentido em um nível pré-verbal e não simbolizado.

A fantasia, em Winnicott (1971/1975), não é entendida como distorção da realidade, mas como forma primária de organização da experiência subjetiva. Ela participa da construção de sentidos iniciais e sustenta o processo de constituição do self em interação com o ambiente. A apercepção criativa, por sua vez, refere-se à capacidade do sujeito de experienciar o mundo como vivido de forma singular, sendo condição fundamental para a vitalidade psíquica.

3 DEPENDÊNCIA, AMADURECIMENTO EMOCIONAL E CONSTITUIÇÃO DO SELF NA TEORIA WINNICOTTIANA

Winnicott (1963/1983) propõe que o desenvolvimento emocional ocorre em estágios progressivos de dependência em relação ao ambiente, os quais estruturam a constituição do self desde os primeiros momentos da vida. No estágio de dependência absoluta, o bebê ainda não distingue entre si e o ambiente, encontrando-se completamente sustentado pela função materna, que assume um papel fundamental por meio da chamada preocupação materna primária. Essa condição permite à mãe uma identificação profunda e sensível com as necessidades do bebê, favorecendo a adaptação quase completa às suas demandas iniciais (Winnicott, 1963/1983).

À medida que o desenvolvimento avança, inicia-se o estágio de dependência relativa, no qual se torna possível uma progressiva diferenciação entre “eu” e “não-eu”. Esse processo ocorre a partir da introdução gradual de falhas toleráveis na adaptação materna, as quais permitem ao bebê experimentar pequenas frustrações sem que haja ruptura da continuidade de ser, favorecendo assim a constituição de um vínculo mais estável com a realidade externa (Winnicott, 1963/1983; Winnicott, 1975).

Nesse percurso, a fase de independência relativa não deve ser compreendida como autonomia absoluta, mas como um modo de organização psíquica no qual dependência e autonomia coexistem de forma paradoxal e estruturante. O sujeito passa a integrar sua experiência psíquica ao mundo social, mantendo, ainda assim, vínculos fundamentais com o ambiente que o sustenta, o que evidencia que a independência, em Winnicott, é sempre relativa e sustentada por condições ambientais prévias (Winnicott, 1963/1983).

Quando o ambiente falha de maneira precoce ou significativa em sua função de sustentação, podem surgir comprometimentos no desenvolvimento emocional, expressos em estados de privação ou deprivação, acompanhados de desorganizações psíquicas e de formas defensivas de funcionamento. Nessas situações, a falha ambiental incide diretamente sobre a continuidade de ser do sujeito, comprometendo sua capacidade de integração psíquica e exigindo a construção de defesas mais rígidas para a manutenção do self (Winnicott, 1963/1983).

É nesse contexto que a noção de holding se torna central na teoria winnicottiana, ao designar a função de sustentação física e psíquica exercida pelo ambiente cuidador. Quando essa função é

suficientemente boa, ela favorece a integração do self e o desenvolvimento emocional saudável; por outro lado, quando falha de forma significativa, pode haver a emergência de organizações defensivas, como o falso self, que se constitui como uma adaptação excessiva às exigências do ambiente em detrimento da espontaneidade subjetiva (Winnicott, 1963/1983; Winnicott, 1975).

Kupermann, Paulo e Freudiana (2008), citados por Nascimento, Oliveira e Soares (2020), destacam que o falso self pode estar associado a experiências subjetivas de irreabilidade, submissão e perda da espontaneidade criativa, na medida em que o sujeito passa a organizar sua vida psíquica prioritariamente a partir das demandas externas. Nesse tipo de funcionamento, há um enfraquecimento da experiência de autoria de si, com redução da vitalidade psíquica e da expressão espontânea do self (Kupermann, Paulo e Freudiana, 2008; Nascimento, Oliveira e Soares, 2020).

Em contraposição a esse modo de organização, Winnicott (1971/1975) introduz a noção de apercepção criativa, entendida como a capacidade de o sujeito vivenciar a realidade como experiência própria e significativa, sendo essa uma condição fundamental para a sensação de vitalidade e autenticidade psíquica. Trata-se, portanto, de um eixo central na teoria winnicottiana, que permite compreender a diferença entre uma vida psíquica vivida de forma criativa e uma existência marcada pela adaptação passiva ao ambiente.

A partir dessa distinção entre experiência criativa e adaptação passiva à realidade, torna-se possível compreender que a capacidade de viver o mundo de forma espontânea e singular está diretamente relacionada à manutenção de uma área intermediária de experiência, tal como descrita por Winnicott na noção de espaço potencial e de fenômenos transicionais (Winnicott, 1971/1975). Quando essa área sofre interrupções ou fragilizações decorrentes de falhas ambientais precoces, o sujeito pode recorrer a formas substitutivas de sustentação psíquica, nas quais determinados objetos passam a ocupar funções equivalentes às experiências transicionais originais, abrindo espaço para a problematização do campo das adições a partir da teoria winnicottiana (Winnicott, 1975; Gurfinkel, 2007).

4 OBJETO TRANSICIONAL E ADICÇÕES

O conceito de objeto transicional, desenvolvido por Winnicott (1975), refere-se a objetos ou fenômenos que ocupam uma área intermediária de experiência entre a realidade interna e a realidade externa. Esses objetos não pertencem integralmente a nenhum desses polos, mas constituem uma zona de mediação fundamental no processo de constituição subjetiva, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de simbolização, separação e elaboração da ausência do objeto primário.

Nesse sentido, os fenômenos transicionais estão diretamente implicados na constituição do self, uma vez que permitem ao sujeito sustentar a experiência de ausência sem que haja ruptura da continuidade de ser. Trata-se de uma área potencial de experiência na qual ilusão, criatividade e realidade podem coexistir,

favorecendo a construção progressiva de formas mais integradas de relação com o mundo e com o outro (Winnicott, 1975).

A partir dessa matriz teórica, Gurfinkel (2007) propõe uma importante inflexão ao aproximar o campo das adicções das relações objetais e dos fenômenos transicionais. Para o autor, o objeto adicto não pode ser compreendido apenas em sua dimensão química ou farmacológica, mas deve ser pensado como objeto investido na economia psíquica do sujeito, sustentando modalidades específicas de dependência, repetição e tentativa de regulação subjetiva.

Essa proposição permite deslocar a compreensão das adicções de uma leitura exclusivamente biomédica, jurídica ou moralizante, recolocando o fenômeno no campo das relações objetais e das funções psíquicas atribuídas ao objeto. Nesse enquadre, o objeto-droga pode ser compreendido como elemento que, em determinadas configurações clínicas, ocupa uma posição intermediária entre falha e tentativa de sustentação ambiental, funcionando como recurso de organização psíquica frente à descontinuidade da experiência subjetiva (Gurfinkel, 2007).

5 METODOLOGIA

5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, teórica e exploratória. A revisão bibliográfica permite reunir, sistematizar e interpretar produções já publicadas sobre determinado problema de pesquisa, favorecendo a construção de análises conceituais e críticas acerca do objeto investigado (Gil, 2002; Lakatos; Marconi, 2003). No presente estudo, esse delineamento possibilita articular a clínica das adicções às formulações psicanalíticas de Donald Winnicott sobre amadurecimento emocional, ambiente, self e transicionalidade.

5.2 PROCEDIMENTOS DE LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DO MATERIAL

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de buscas em livros, capítulos de livros, artigos científicos, dissertações e materiais acadêmicos disponíveis em periódicos especializados e em bases de pesquisa, tais como *PePSIC* e *Google Acadêmico*. Foram utilizados os descritores adicção, objeto adicto, transicionalidade, Winnicott, toxicomania, drogadição e brincar, isoladamente e em combinação.

A seleção do corpus considerou os seguintes critérios: pertinência ao problema de pesquisa; abordagem psicanalítica ou interdisciplinar das adicções; presença de discussões sobre a teoria de Winnicott; e contribuição para a análise da função subjetiva do objeto-droga. Foram excluídos materiais duplicados, textos sem relação direta com os objetivos da pesquisa e produções que abordassem o uso de substâncias exclusivamente sob perspectivas farmacológicas ou epidemiológicas.

5.3 CORPUS E FONTES DA PESQUISA

O corpus foi composto por vinte e três materiais, incluindo obras de Donald Woods Winnicott, artigos científicos, capítulos de livros e produções acadêmicas. Entre as obras centrais, destacam-se *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1975) e *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (Winnicott, 1983). Também foram mobilizadas as contribuições de Gurfinkel (2007), Santiago (2017), Schimith, Murta e Queiroz (2019), Migliorini e Freitas (2018), Kupermann, Paulo e Freudiana (2008), e Céfaló e Santos (2018). Tais materiais foram localizados em periódicos e repositórios acadêmicos das áreas de psicanálise, psicologia e saúde, incluindo publicações vinculadas à *Revista UNESP*, *Revista de Psicanálise*, *Escola de Ciências da Saúde e Bem-Estar CISBEM/FMU*, *Jornal de Psicanálise*, *Psicologia USP* e *Estudos de Psicanálise*.

5.4 TÉCNICA DE ANÁLISE

A análise foi orientada pela leitura interpretativa e pela organização temática do material, procedimento compatível com pesquisas qualitativas de revisão teórica (MINAYO, 2014). O corpus foi examinado a partir dos seguintes eixos: adições e relações objetais; amadurecimento emocional e ambiente; constituição do self e falso self; objetos e fenômenos transicionais; falhas ambientais precoces; e funções subjetivas do objeto-droga.

A interpretação buscou identificar aproximações, diferenças e tensões entre as formulações sobre a clínica das adições e os conceitos winnicottianos. Não se pretendeu produzir generalizações sobre todas as formas de uso de substâncias ou sobre todas as experiências clínicas de adição, mas construir uma leitura teórica capaz de sustentar uma escuta clínica atenta à singularidade dos sujeitos e às funções assumidas pelo objeto adicto.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no problema de pesquisa e na proposta metodológica adotada, a discussão dos resultados será organizada em dois eixos temáticos principais, que visam aprofundar a articulação entre a teoria winnicottiana dos fenômenos transicionais e a clínica das adições. O primeiro eixo, intitulado “*Do Desabrigo ao Aconchego*”, abordará as relações entre falhas ambientais precoces, experiências de desamparo e a constituição de estratégias psíquicas de sustentação, enfatizando como o objeto-droga pode ser investido como tentativa de produção de holding, continuidade de ser e reparação de rupturas no campo do cuidado primário. O segundo eixo, denominado “*Afeto e outras Drogas*”, problematizará as diferentes modalidades de investimento afetivo no objeto adicto, discutindo como a droga pode operar não apenas como substância de consumo, mas como suporte de laços, regulação emocional e formas substitutivas de

vínculo, articulando tais dinâmicas às noções de transicionalidade, falso self e organização do self na teoria de Donald W. Winnicott.

6.1 DO DESABRIGO AO ACONCHEGO

Nessa direção, Schimith, Murta e Queiroz (2019), ao retomarem Lima (2008), indicam que a droga pode operar como extensão da realidade subjetiva, sendo investida como suporte para a organização de experiências afetivas e para a produção de sentidos singulares. Tal perspectiva permite compreender a adicção para além de sua dimensão farmacológica, situando-a no campo das modalidades de relação objetal atravessadas por determinantes afetivos, simbólicos e contextuais da experiência psíquica.

No plano clínico, a adicção pode se expressar por meio de condutas impulsivas e de difícil contenção, frequentemente acompanhadas por um rebaixamento da mediação simbólica nas relações estabelecidas. Observa-se, nesse contexto, um deslocamento de conteúdos do campo fantasístico para a concretude do objeto, que passa a ser investido com estatuto privilegiado de realidade psíquica, intensificando formas de dependência e restringindo os processos de simbolização (Schimith, Murta e Queiroz, 2019).

Sob a perspectiva winnicottiana, tal configuração pode ser compreendida a partir do modo como o objeto adicto é investido como substituto funcional de experiências primárias de cuidado, assumindo características associadas ao holding, ao acolhimento e à sustentação psíquica. Em situações marcadas por falhas ambientais precoces, o objeto passa a ser utilizado como tentativa de reparação de experiências de desamparo, sustentando precariamente a continuidade de ser do sujeito (Winnicott, 1963/1983; Lima, 2022).

Nesse cenário, o objeto adicto adquire um estatuto ambivalente, na medida em que simultaneamente promove alívio subjetivo e reforça modalidades de dependência psíquica. Conforme Gurfinkel (2011), tal dinâmica frequentemente se associa a impasses no laço social e a intensas reações de ruptura e desconfiança no campo intersubjetivo, com repercussões inclusive no manejo clínico da adicção.

A repetição do recurso ao objeto pode ser compreendida, assim, como expressão de uma organização psíquica marcada por fragilidades na constituição do self, frequentemente associada a funcionamentos defensivos como o falso self. Nesses casos, a experiência subjetiva tende a se estruturar em torno de vivências de vazio, desvalorização e perda de espontaneidade, com comprometimento dos processos transicionais e da capacidade criativa do sujeito (Winnicott, 1960/1983; Winnicott, 1975; Chissini, 2022).

Em situações mais graves, o objeto adicto pode ocupar posição central na economia psíquica, organizando a regulação afetiva do sujeito e funcionando como eixo privilegiado de estabilização diante de experiências de desintegração iminente. Tal configuração evidencia que o uso da substância não se reduz a

um comportamento de consumo, mas se articula a formas específicas de organização subjetiva frente a falhas ambientais e à precariedade dos recursos simbólicos disponíveis (Lima, 2022).

Diante disso, destaca-se a importância de uma escuta clínica que não se restrinja à lógica de substituição do objeto-droga pela figura do terapeuta, mas que se sustente na investigação das funções psíquicas atribuídas ao objeto na economia subjetiva. Nesse enquadre, o manejo clínico visa possibilitar a elaboração simbólica dessas funções, favorecendo a emergência de formas mais complexas de relação com a realidade e com o sofrimento psíquico.

6.2 AFETO E OUTRAS DROGAS

O objeto-droga pode ser compreendido como um recurso investido em determinadas configurações clínicas para a regulação de estados de sofrimento psíquico. Nesse sentido, Padilha (2020) destaca que a substância pode desempenhar uma função de sustentação da continuidade subjetiva, ainda que tal função não implique necessariamente integração psíquica ou elaboração simbólica da experiência.

Em contextos de crise, nos quais os recursos simbólicos se mostram insuficientes para a metabolização dos afetos, o objeto-droga pode ocupar uma posição análoga à dos fenômenos transicionais descritos por Winnicott (1975), funcionando como mediação provisória entre realidade interna e externa. No entanto, diferentemente do objeto transicional, tal função tende a não se orientar prioritariamente pela constituição simbólica ou pelo desenvolvimento da criatividade psíquica.

Conforme Gurfinkel (2007), enquanto o objeto transicional sustenta processos de amadurecimento emocional e de ampliação da capacidade simbólica, o objeto-droga pode fixar-se na concretude da substância, promovendo uma redução progressiva do espaço potencial e restringindo as possibilidades de elaboração subjetiva. Nesse movimento, o objeto deixa de operar como mediador e passa a funcionar como organizador quase exclusivo da experiência psíquica.

Essa centralidade tende a repercutir na diminuição da capacidade de simbolização e na limitação do investimento em outras modalidades de vínculo, com consequente empobrecimento das estratégias de enfrentamento. Em muitos casos, observa-se a recorrência ao uso da substância como resposta automática a experiências de frustração, perda ou angústia, em detrimento da elaboração psíquica dessas vivências (Sedeu, 2014).

Com a intensificação desse padrão, pode-se configurar um processo de dependência psíquica e/ou física no qual o objeto passa a estruturar a regulação emocional do sujeito. Nessas condições, estados afetivos de desamparo, vazio e angústia tendem a reaparecer de forma recorrente, exigindo o uso reiterado da substância como estratégia de estabilização subjetiva (Gurfinkel, 2011).

Dessa forma, a articulação entre teoria winnicottiana e clínica das adicções permite compreender o objeto-droga não apenas como substância de consumo, mas como operador psíquico investido na tentativa

de sustentar a experiência subjetiva frente a falhas ambientais e fragilidades na constituição do self, evidenciando a necessidade de uma escuta clínica orientada pela singularidade do sujeito e pelas funções psíquicas atribuídas ao objeto.

7 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a função psíquica assumida pelo objeto-droga na experiência subjetiva, a partir da teoria dos objetos e fenômenos transicionais de Donald W. Winnicott, investigando suas possíveis articulações com a clínica das adicções. Buscou-se, ainda, compreender como essa função se relaciona às experiências de falhas ambientais precoces, aos processos de constituição do self e às modalidades de sustentação psíquica presentes na relação do sujeito com o objeto adictivo.

Os resultados da pesquisa indicam que a relação com o objeto-droga não se restringe à dimensão neurofisiológica ou comportamental da dependência, envolvendo também determinantes psíquicos vinculados às experiências primárias de cuidado, holding e constituição do espaço potencial. Nesse contexto, o objeto-droga pode ser investido como operador psíquico que assume funções de sustentação, continuidade de ser e regulação afetiva diante de vivências de desamparo e fragilidade ambiental. Observou-se ainda que, em determinadas configurações clínicas, tal investimento pode impactar os processos de simbolização e criatividade, na medida em que ocupa o espaço potencial do sujeito e se apresenta como recurso privilegiado de organização da experiência.

Como contribuição, este estudo possibilita ampliar a compreensão do fenômeno das adicções a partir de uma perspectiva psicanalítica winnicottiana, ao evidenciar que o objeto-droga pode ser pensado em termos de sua função psíquica na economia subjetiva. Essa leitura contribui para uma abordagem menos reducionista e mais sensível à singularidade do sujeito, favorecendo implicações clínicas que considerem os modos específicos de organização do sofrimento psíquico e as funções atribuídas ao objeto.

No que se refere às limitações, destaca-se o caráter exclusivamente bibliográfico da pesquisa, o que restringe a articulação direta com material clínico empírico. Nesse sentido, recomenda-se que investigações futuras aprofundem a relação entre teoria e clínica por meio de estudos de caso e pesquisas qualitativas em contextos institucionais diversos. Sugere-se ainda o fortalecimento do diálogo entre a abordagem winnicottiana e outras perspectivas psicanalíticas contemporâneas da clínica das adicções, de modo a ampliar a compreensão das diferentes funções psíquicas assumidas pelo objeto-droga nos modos de sofrimento subjetivo.

REFERÊNCIAS

BUCHIANERI, Luis G. C. **A constituição da tendência antissocial segundo Winnicott: desafios teóricos e clínicos**. Revista da UNESP, v. 9, n. 2, p. 115-127, 2010.

CAMPOS, Márcia Regina Bozon; FULGENCIO, Leopoldo. **A elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas**. Revista de Psicanálise da SPPA, v. 27, n. 2, p. 313-331, 2020.

CÉFALO, Bárbara; SANTOS, Alexandre. **Drogadição e transicionalidade: intervenção psicanalítica**. UNIFUNEC Científica Multidisciplinar, v. 6, n. 8, p. 132-146, 2018.

CHISSINI, Joana Marcos. **Reflexões sobre a (in)capacidade de estar só**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GURFINKEL, Décio. **Adicções: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais**. Revista Psyche, v. 11, n. 20, p. 13-28, 2007.

GURFINKEL, Décio. **Adicções: paixão e vício**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

KUPERMANN, Daniel; PAULO, Universidade de São Paulo; FREUDIANA, F. **Presença sensível: a experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott**. Jornal de Psicanálise, v. 41, n. 75, p. 75-96, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Felipe P. **O trauma e o desvalimento em psicanálise: contribuições da teoria das relações objetais**. Escola de Ciências da Saúde e Bem-Estar CISEM/FMU: Atualidades na área de Saúde, v. 10, n. 4, p. 46-61, 2022.

MIGLIORINI, Walter José Martins; FREITAS, Lídia Maria Chacon de. **Objetos transicionais e o desenvolvimento da capacidade de incomodar**. Jornal de Psicanálise, v. 51, n. 95, p. 89-103, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, Gustavo Chiesa Gouveia; OLIVEIRA, Márcia Aparecida Ferreira; SOARES, Ricardo Henrique. **Psicopatologia dos objetos transicionais: o olhar de Winnicott para a clínica das adicções**. Psicologia em Revista, v. 26, n. 3, p. 901-920, 2020.

PADILHA, Júlia Nina. **Toxicomanias: percurso teórico no campo da psicanálise**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

SCHIMITH, Polyana B.; MURTA, Geraldo Alberto Viana; QUEIROZ, Sávio S. **A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da Psicologia brasileira**. Psicologia USP, v. 30, p. 1-9, 2019.

SEDEU, Ricardo de Lima. **Da toxicomania à adicção: uma abordagem relacional**. Estudo Psicanalítico, Belo Horizonte, n. 42, p. 107-120, 2014.

WINNICOTT, D. W. **A criatividade e suas origens**. In: WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 108-139.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. **Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self**. In: WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 128-139.

WINNICOTT, D. W. **Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo**. In: WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 80-87.

WINNICOTT, D. W. **Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?** In: WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 114-127.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madelaine. **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. Porto Alegre: Artmed, 1994.